

Piedade popular e liturgia

Pe. José Ulysses da Silva.CSsR.*

Sumario

Este artículo parte del estímulo que el Documento de Aparecida ofrece cuando habla de piedad popular, con el fin de superar el dualismo entre Liturgia romana y piedad popular. Hace memoria de las prácticas de Jesús y de las primeras comunidades cristianas, como referencias esenciales. Hace una breve memoria de la historia del rito romano hasta el Concilio Vaticano II, constatando el dualismo que se generó entre Liturgia romana y piedad popular. Retoma el proceso iniciado por el Concilio Vaticano, como esperanza de una renovación todavía en marcha. Analiza la nueva ciudadanía eclesial que el Documento de Aparecida confiere a la piedad popular, subrayando sus valores evangélicos, para proponer que la piedad popular “evangelice” la Liturgia. Concluye con una propuesta de inculturación y de reintegración entre piedad popular y Liturgia, como parte de los desafíos para la Misión Continental.

Palavras chave: Piedade Popular, Liturgia.

* Licenciado em Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo – Roma; Vice-mestre de Noviços da Província Redentorista de S. Paulo; Endereço: Seminário Santa Teresinha, Rua do Expedicionário 133, 18530-000 Tietê. SP. Brasil; Tel.: (55.15) 3282-1002; Cel.: (55.11) 8563-9222; E-mail: peulysses@yahoo.com.br



Sumário:

Este artigo parte do estímulo que o Documento de Aparecida oferece quando fala da Piedade popular para propor uma superação do dualismo entre Liturgia romana e Piedade popular. Relembra algo das práticas de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, como referências essenciais. Faz uma breve memória da história do rito romano até o Concílio Vaticano II, constatando o dualismo que se criou entre Liturgia romana e Piedade popular. Retoma o processo desencadeado pelo Concílio Vaticano, como esperança de uma renovação ainda em marcha. Analisa a nova cidadania eclesial que o Documento de Aparecida confere à Piedade popular, sublinhando os seus valores evangélicos, para propor que a Piedade popular “evangelize” a Liturgia. Conclui com uma proposta de inculturação e de reintegração entre Piedade popular e Liturgia, como parte dos desafios para a Missão Continental.

Palavras chave: Piedade Popular, Liturgia, Palavra de Deus. Inicia sua reflexão, demonstrando que as Sagradas Escrituras, sem deixar de ser Palavra de Deus, são também palavra humana. Paulo, com efeito, foi um apaixonado da Revelação de Deus e um profundo conhecedor das Sagradas Escrituras. Ele é o grande enamorado da Palavra, um mestre da Palavra e um valoroso pregador da Palavra.

Palavras chave: Palavra – Palavra humana – Palavra de Deus – Sagradas Escrituras – Pregação.

Introdução

Senhor Deus onipotente, veja quanto desespero retiraram da igreja nosso santo padroeiro. Tudo agora ficou triste, ninguém mais quer ser festeiro. Isto é o fim do mundo, eu quero morrer primeiro.

A notícia no jornal deixou todo mundo aflito
e o nosso arraial ficou muito esquisito
com o nosso padroeiro tudo era tão bonito
e agora ninguém sabe onde está São Benedito.
A promessa que eu fiz não sei onde vou pagar
a capela está vazia não tem santo no altar
meu pretinho milagroso, padroeiro do lugar,
no oratório do meu peito para sempre ficará.”

Essa canção sertaneja reflete a perplexidade da maioria do nosso povo católico logo após o Concílio Vaticano II diante de certas decisões “litúrgicas” renovadoras impostas pelo clero.

Na pressa de importar o “aggiornamento”, tal como acontecia na Europa, muitos sacerdotes atropelaram a tradição de piedade secular do nosso povo. Impuseram-lhes determinadas reformas litúrgicas, privaram-nos de suas imagens e devoções favoritas, desqualificaram seus costumes devocionais, sem ter-lhes proporcionado um processo de informação e de formação sobre os documentos do Concílio. Era um esforço que coincidia com a ideologia de construir um cristianismo sem religiosidade. Como bem comentou Mons. Joan Carrera: “Era por amor ao ‘Povo’, com maiúscula, que fustigavam o povo, com minúscula, cada dia trabalhando para afastá-lo das formas de religiosidade que



eram consideradas mais ou menos supersticiosas e, portanto, aviltantes. Não somente as procissões, as bênçãos, as imagens... eram varridas, mas também para a própria prática sacramental começou a se exigir um nível de conhecimento, de opção pessoal e uma capacidade cultural edificada sobre a secularidade e a mística do compromisso, que a situava muito distante da maneira de ser real do povo”.¹

Como acontece com tudo o que é imposto à força ao mais fraco, boa parte do nosso povo continuou com suas práticas devocionais e passou a se conformar com as novidades. Hoje, podemos dizer que a reforma litúrgica já faz parte da vida do nosso povo, principalmente pelo espaço de participação ativa que criou para as assembléias. Contudo, não conseguiu superar o dualismo entre Liturgia e Piedade popular. Continuam sendo duas realidades paralelas, às vezes contraditórias, em que a Liturgia, ainda sob controle quase exclusivamente clerical, apresenta-se como superior à Piedade popular. Ou seja, o Povo de Deus, cantado em tantos versos e defendido em tantas teses e documentos, de fato, ainda está longe de ter conquistado o seu espaço de direito na Igreja, tal como propunha a Constituição *Lumen Gentium*.

I. Piedade popular e Liturgia, uma história antiga

1. Jesus provoca uma transformação profunda no modo de orar comunitariamente. O próprio mistério da Encarnação escapa a todos os moldes de ‘culto oficial’ que se haviam institucionalizado até então. A fé nesse mistério fontal da revelação cristã propõe uma superação definitiva de todos os dualismos de que se alimentavam as religiões tradicionais, como sagrado e profano, culto oficial e piedade pessoal, etc. A Encarnação representa o ponto de partida e a motivação de fé de qualquer movimento de inculturação da fé cristã, da evangelização e da liturgia. Por isso, a relação de Jesus com o culto oficial judaico no Templo parece ter sido mais de conflito do que de participação (Jo 2, 13-22; 7,14-53; 12, 22-39). E não se tratava apenas de criticar o modo como era praticado, mas

¹ Mons. Joan Carrera, De la religiosidad popular a un cristianismo popular, em *Religiosidad popular y Santuarios, Dossiers CPL*, 64, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 1995, p. 13-14

de anunciar que um novo tempo estava chegando, em que Ele e seu Corpo místico (Jo 2, 21-22; Rm 12, 1; 1Cor 6, 19-20; Hb 10, 1-10) seriam o verdadeiro templo do culto que agrada a Deus. Ele vivencia e propõe uma vida de piedade fundamentada no diálogo interior com o Pai (Mt 6, 5-15) e na reunião dos discípulos em seu nome (Mt 18, 19-20). Sua linguagem está longe de ser uma linguagem cultual. Pelo contrário, escolhe gente simples como discípulos e apóstolos, e, a partir de suas vidas e de suas experiências, anuncia-lhes e com eles celebra um Evangelho de libertação total. Ao celebrar a Páscoa judaica, foge do ritual prescrito, retoma o sentido familiar da celebração e, usando a moldura do rito antigo, coloca um conteúdo novo: o seu corpo e o seu sangue, como sacramentos que atualizam a redenção pascal, realizadas pela sua morte e ressurreição. O Novo Testamento testemunha que as primeiras comunidades continuaram a “fazer memória” daquela Última Ceia (1Cor 11, 23-25), através da “fração do pão”, quando se reuniam para acolher o anúncio do Evangelho, para orar em comum e para partilhar seus bens (At 2, 42-47). Por alguns anos, muitos judeus cristãos, talvez por não perceberem nas reuniões das primeiras comunidades um novo culto, continuaram a freqüentar o templo e a sinagoga. Paulo, porém, ajuda a compreender a novidade absoluta de Jesus, diante de quem todo o passado cultual fora apenas uma sombra e um anúncio. O verdadeiro culto desejado pelo Pai é Jesus, por isso, já não é mais necessário manter outros cultos, ritos e tradições. Em torno do Senhor Ressuscitado inicia-se uma nova prática de oração pessoal e comunitária, em que não existe distinção entre Liturgia e Piedade. Pode-se afirmar que a Piedade, enquanto espírito de oração contínua, principalmente através de expressões que se dirigem a Jesus, à Virgem Maria e aos mártires, etc., antecede o surgimento de uma Liturgia cristã. É muito claro que “na época apostólica e pós-apostólica encontra-se uma profunda fusão entre as expressões cultuais que hoje chamamos, respectivamente, Liturgia e piedade popular”...“Liturgia e piedade cristã não se contrapõem nem conceitual nem pastoralmente: concorrem harmoniosamente para a celebração do único mistério de Cristo considerado unitariamente e para a sustentação da vida sobrenatural e ética dos discípulos do Senhor”.²

² Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia (DPPL), Paulinas, 2ª. Ed. 2009, n. 23



2. Essa unidade e simplicidade iniciais, na medida em que se distanciam do contato com os Apóstolos, vão cedendo lugar à criatividade, que diversifica o modo de celebrar. Nada está ainda codificado e, tanto os evangelizadores como os bispos têm liberdade para presidir e improvisar a oração da comunidade. Modelos vão surgindo, como a atual Prece eucarística II, inspirada em Santo Hipólito (séc. III). Ao redor das grandes sedes episcopais, caracterizadas pela sua ligação com algum apóstolo, vão se desenvolvendo ritos próprios, que mais tarde se tornarão famílias litúrgicas. Nesta riqueza de famílias litúrgicas, muitas das quais até hoje estão bem vivas na Igreja Católica, destaca-se a Liturgia do rito romano, a única a que me refiro neste artigo. Ela entra num processo de polarização, de controle e de uniformidade litúrgicos, na medida em que vai se desfazendo a unidade da 'pax romana'. O latim, que já era nem falado nem compreendido por todos, torna-se a sua língua oficial e sagrada. Eis o início daquilo que poderíamos chamar de involução do nosso rito romano: a partir do séc. IV, com o edito de Constantino, começa a elitização social do clero e a marginalização do povo das celebrações litúrgicas, que passam a ser apenas assistidas, não mais participadas pela assembleia. A idéia de "culto oficial", com a fixação de textos, ritos, fórmulas e rubricas, que conduzem cerimônias bem executadas, prevalece sobre a de celebração comunitária.

3. Ainda assim, o papa Gregório Magno (séc. VI), um dos grandes promotores do processo de codificação da Liturgia, tem a sabedoria de propor "sábias diretivas para que a conversão dos novos povos ao Evangelho não aconteça com prejuízo da tradição cultural deles; ao contrário, que a própria Liturgia se enriqueça de novas e legítimas expressões culturais; harmoniza as nobres expressões do gênio artístico com as mais humildes da sensibilidade popular..."³ Contudo, todas as reformas litúrgicas posteriores foram sempre no sentido de manter a ortodoxia doutrinal, embelezar as cerimônias, codificar e uniformizar o rito romano, jamais no sentido de promover a participação ativa e consciente da comunidade. Além de normas rigorosas, que afastavam o povo da comunhão eucarística, fabricou-

³ DPPL, N. 27

se uma catequese eucarística, em que a Missa, entendida apenas como sacrifício expiatório, quase que se transforma apenas em “sacramento dos mortos”. E a participação visível do povo, ainda que salvando a dimensão da graça invisível, vai-se reduzindo apenas à espórtula para encomendar missas. A partir dessa época, “A Liturgia reflete a visão simbólica do universo e a concepção hierárquica e sacral do mundo”,⁴ além de aculturar-se com os cerimoniais das cortes dos reis.

4. É o momento em que o Espírito Santo, longe de abandonar o Povo de Deus, o conduz pelos caminhos da Piedade popular. Pelo séc. VII, já que se tornara inevitável “o dualismo celebrativo, paralelamente à Liturgia, oficiada em língua latina, desenvolve-se uma piedade popular comunitária, que se expressa em língua vernácula”.⁵ Os livros litúrgicos e o latim são inacessíveis, o povo cria as suas devoções, os seus símbolos, os seus ritos, enfim, sua forma cultural de comunicar-se com o divino. Distanciados da Palavra de Deus e do direito de participar ativamente, o povo descobre suas compensações devocionais. Em lugar dos 150 salmos dos monges surgem as 150 Ave-Marias do rosário. Os sinos das igrejas fazem ecoar o “Angelus Domini”, santificando as horas do dia. Já que os ministros clericais se tornam uma casta separada, o povo encontra em seus santos, principalmente em Maria Santíssima, os intermediários que escutam suas necessidades e intercedem por ele. Festas, novenas, procissões, peregrinações integram essa “liturgia popular”, que dispensa os ministros ordenados. Medalhas, escapulários, imagens e pinturas sacras tornam-se símbolos sacramentais ao alcance de todos. Enquanto o “culto oficial” transforma-se em espetáculo clerical ou em lei da Igreja, que obriga à assistência, as devoções se expressam em língua vernácula e com símbolos populares, é cheia de gratuidade, de confiança, de espontaneidade e de generosidade. Nela falam os sentimentos afetivos mais do que a obrigação e os textos ortodoxos. Se a Liturgia queria imitar a corte celeste, tal como a fantasiava, a Piedade popular agarra-se à humanidade de

⁴ DPPL n. 28

⁵ DPPL n. 29



Jesus, ao seu nascimento, ao seu sofrimento, ao seu coração cheio de amor, que motiva milhares de pessoas no caminho da santidade. Parece que a Liturgia vai se esquecendo dessa humanidade de Jesus, que deveria atualizar em seus ritos, para se limitar a rubricas bem ou mal executadas. O povo não perde o sentido de Igreja, continua a construir desde simples capelas até belíssimos templos e os frequentam sempre, mais pelo gosto de visitar os seus santos e cumprir suas devoções, do que para participar do “culto oficial”.

5. Eis algo da história da Liturgia romana, pela qual não passaram outras famílias litúrgicas católicas, como as orientais, principalmente quanto a esse distanciamento entre celebração litúrgica e piedade do povo.⁶ Daquele jeito tão próprio e original de ser, conviver e orar de Jesus com seus discípulos, que culmina ao redor de uma mesa na Última Ceia, cujo rito inicial foi um Lava-pés, até chegar aos ‘cultos oficiais’ da Liturgia romana, que a partir da Idade Média até o Concílio Vaticano II, mantinham o povo apenas como presença passiva do ato celebrativo ou como pagador de espórtulas, há uma involução que pouco tem a ver com o jeito de Jesus. Ainda que se salvasse a essência do ato sacramental, enquanto comunicação da graça divina, perdera-se totalmente o sentido de assembléia reunida ao redor do Senhor ressuscitado, para louvar, agradecer e suplicar juntos. Em lugar disso, a Liturgia romana tornou-se um meio de afirmação hierárquica clerical, que até hoje continua sendo uma tentação atraente na vida da Igreja.

II. O Concílio Vaticano II, um novo início de caminhada

6. Houve na Igreja Católica uma proposta de reestruturação de sua vida e do seu agir pastoral, a partir das Constituições publicadas pelo Concílio Vaticano II. As propostas conciliares sobre a Igreja, a Liturgia, a Palavra de Deus e a presença da Igreja no mundo abriram um espaço pastoral cheio de esperança. Finalmente, tinham sido superados muitos séculos de tradições

⁶ Cf. Rafael Serra Abellá, *Piedad Popular, Liturgia, Vida Cristiana*, em *La Piedad popular y La Liturgia*, cuadernos Phase 134, p. 36



e costumes da Igreja católica do ocidente, que já não eram tão fiéis à primeira tradição oriunda dos Evangelhos e das primeiras comunidades cristãs.

7. O Concílio Vaticano II refez o cerne da Liturgia cristã, que é constituído pelo Mistério pascal de Jesus. É maravilhosa a teologia litúrgica que a “Sacrossanctum Concilium” oferece ao Povo de Deus. Ela reafirma os três pilares da Liturgia cristã, que devem fundamentar todos os ritos: ser uma atualização da História da Salvação, sacramentalizar a presença e a ação de Jesus Ressuscitado e constituir-se numa comunidade celebrante, que tem o direito e o dever de participar plena, consciente e ativamente da celebração litúrgica.⁷ O grande desafio era transformar os princípios constitucionais do Concílio em prática celebrativa. Logo nos primeiros anos após o Concílio, foi resgatado um imenso tesouro de textos litúrgicos. E havia a consciência clara da necessidade de, a partir desse tesouro, iniciar um processo de inculturação litúrgica em cada região e em cada povo. Contudo, para o nosso continente, foram importados muitos modelos celebrativos, que não tinham quase que nenhum vínculo com nossas culturas. A renovação e a profusão de textos em língua vernácula e a formalização de ritos antigos são ainda demasiadamente pobres em gestos e em símbolos, que sejam significativos para o nosso povo. O resultado é que a liturgia romana dificilmente expressa a alma religiosa do nosso povo latino-americano e caribenho. Ou seja, houve apenas tradução de línguas, não porém uma tradução de culturas. Estamos ainda longe de um processo de inculturação dos textos e ritos litúrgicos. Talvez por abusos daqueles que manipulavam as celebrações, ou pela mentalidade reacionária de parte da hierarquia, atualmente estamos correndo novamente o risco do rubricismo, que nos remete à época anterior a “Mediator Dei”. Hoje, usa-se facilmente a expressão “litúrgico ou anti-litúrgico” mais para reafirmar a autoridade clerical do que para penetrar na participação do mistério pascal da Liturgia.
8. É verdade que fizemos uma caminhada irreversível de renovação ao longo das últimas décadas. O hinário litúrgico foi enriquecido

⁷ Cf. Sacrossanctum Concilium nn. 4-7; 14



com criações locais, a assembléia tem seus momentos de participação ativa, há certo espaço para a criatividade, onde as celebrações são preparadas e não apenas executadas, mas ainda persiste uma mentalidade de “terceirização cultural”, em que, a partir de uma taxa ou esportula, obtém-se o direito a um batizado, matrimônio, missa, etc. E o mundo da Piedade popular, mesmo que não reprimido, continua sobrevivendo como uma realidade paralela à liturgia oficial, cruzando-se com ela ocasionalmente, jamais, porém, integrando-se numa só celebração.

9. Posteriormente, nossas Conferências episcopais traduziram o Concílio para o contexto do nosso continente. Medellín, Puebla e Santo Domingo se debruçaram sobre a realidade da injustiça social e sobre os desafios de evangelização integral do nosso povo. São passos qualitativos, que certamente impulsionam nossa caminhada, mesmo que falem mais em nome do povo do que deixem o povo falar.
10. As Comunidades, principalmente as CEBs, cresceram muito no sentido de encarnar a vida do povo dentro da Liturgia. Correram até o risco de manipular a dimensão celebrativa, convertendo-a em instrumento de conscientização social. Podemos dizer, porém, que ainda continua a ser praticada uma injustiça cultural para com o povo, porque, com exceção de alguns grupos de liderança, nosso povo simples é antes objeto do que protagonista de todas essas mudanças. Tais atitudes certamente contribuíram para a disseminação das denominações cristãs fundadas nas últimas décadas, para o sucesso do pentecostalismo protestante e católico e para o distanciamento da participação na Igreja, principalmente dos homens e dos jovens.
11. Graças a Deus, o Concílio Vaticano II não foi apenas um evento histórico, mas foi principalmente um evento sacramental. Cremos que Jesus, através daquele Concílio, manifestou sua Vontade à Igreja. Por isso, sua efetivação tem um cronograma divino, sempre paciente com o ritmo humano. Gradativamente, a renovação irá acontecendo ao longo de séculos, numa pedagogia divina que jamais irrompe a evolução normal das mudanças culturais humanas, tal como aconteceu no Antigo Testamento.



III. A nova cidadania eclesial da Piedade popular

12. O Documento de Aparecida surpreende positivamente, quando trata da Piedade popular. Sem dúvida alguma, o fato de a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe ter sido realizada no subsolo da Basílica de Aparecida exerceu sua influência sobre a reflexão dos bispos participantes. Eles podiam sentir de perto a piedade dos peregrinos, suas orações e seus cantos ecoavam como fundo sonoro nas assembléias e nas salas de reuniões, as concelebrações sempre foram feitas junto com o povo e, no ir e vir dos bispos, sempre entravam em contato direto com os peregrinos. Era um testemunho positivo, em que celebrações litúrgicas e atos de Piedade popular coincidiam num mesmo lugar.

13. O texto dedicado à Piedade popular é o melhor que encontramos até hoje em documentos do magistério. Está contextualizado na II parte do Documento de Aparecida, que trata da Vida de Jesus Cristo nos Discípulos Missionários. No cap. 6, ao abordar o itinerário formativo dos Discípulos Missionários, afirma que toda formação deve se desenvolver como busca de uma espiritualidade trinitária, cujo único acesso é o encontro com Jesus. E indica os lugares de encontro com Jesus Cristo. Pois bem, a grande novidade é que, além dos Sacramentos, da Palavra de Deus, etc. reconhece que a Piedade popular é um espaço válido de encontro com Jesus Cristo e dedica 8 números a este tema, do 258 ao 265.

14. Inicialmente, reconhece que existe uma rica e profunda religiosidade popular na alma dos nossos povos, que deve ser promovida e protegida, porque reflete uma sede de Deus, que se deixa conhecer pelos pobres e pelos simples. É um autêntico catolicismo do povo, expressão de uma inculturação profunda, que integra a cultura latino-americana.⁸

15. A Piedade popular compreende todas as expressões religiosas do nosso povo, como festas do padroeiro, via-sacra, rosários, procissões, devoções, cânticos folclóricos, promessas, romarias,

⁸ Documento de Aparecida, n. 258



etc. De modo especial, a peregrinação é uma profissão de fé e de esperança e o santuário é um lugar de encontro de amor, onde se experimenta a proximidade de Deus. A oração do peregrino manifesta sua renúncia à auto-suficiência e conduz a uma experiência espiritual da transcendência de Deus e da Igreja. Os santuários muitas vezes marcam a história pessoal com a conversão, o perdão e a gratidão.⁹

16. Para o Documento de Aparecida, a Piedade popular não é uma espiritualidade de massa, mas autêntica espiritualidade eclesial popular. Ela produz e vivencia os simbolismos do amor de Deus presente na labuta de cada dia: um crucifixo, uma vela, uma súplica, o olhar voltado a uma imagem, o sorriso, a lágrima, etc. É uma fé que pode ser aprofundada, desde que se valorize positivamente o que o Espírito Santo já semeou no coração das pessoas através da Piedade popular, como um ponto de partida imprescindível. É preciso ser sensível a ela, perceber suas dimensões internas e seus valores inegáveis. Ela já possui sua riqueza evangélica, a tal ponto que a atitude correta não é querer evangelizá-la ou purificá-la, mas reconhecê-la e assumi-la. Trata-se de uma **mística popular**, com um rico potencial de santidade e de sensibilidade à justiça social. Ela facilmente conduz à imitação dos santos, ao contato direto com a Bíblia e à participação nos sacramentos.¹⁰
17. De modo algum, a Piedade popular pode ser desvalorizada como se fosse uma forma secundária de vida cristã. Tal atitude seria um esquecimento da ação do Espírito Santo e da iniciativa gratuita de Deus nas pessoas e nos grupos humanos. Ela manifesta um sentido profundo de transcendência, de capacidade espontânea de apoiar-se em Deus e conduz a uma verdadeira experiência de amor teologal. É uma sabedoria sobrenatural, que depende diretamente da ação interna da graça. É uma autêntica **espiritualidade popular** encarnada na cultura das pessoas simples, é um encontro pessoal com o Senhor, capaz de integrar o corporal, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas.¹¹

⁹ Documento de Aparecida, nn. 259-260

¹⁰ Documento de Aparecida, nn. 261-262

¹¹ Documento de Aparecida, n. 263

18. Por isso, a Piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé e de ser membro da Igreja, como missionários. Faz parte da originalidade histórica cultural dos pobres da América, porque representa uma síntese entre as culturas e a fé cristã. No ambiente atual de secularização, é uma poderosa confissão de Deus, capaz de transmitir a fé cristã. A Piedade popular é em si mesma um gesto evangelizador. Nossos povos se identificam tanto com o Cristo sofredor, o Senhor Bom Jesus, porque na certeza do imenso amor de Jesus que os amou e se entregou por eles, encontram a força da sua dignidade. E no rosto de Maria encontram a ternura de Deus, protegem-se nas dobras do seu manto e cobram coragem para lançar as redes no mundo para libertar os esquecidos e integrar a todos ao redor de Jesus Cristo.¹²
19. Sem dúvida alguma, podemos afirmar que o Documento de Aparecida confere cidadania à Piedade Popular. “É o primeiro Documento da Igreja que de maneira explícita, outorga à ‘religiosidade popular’ vivida pelo nosso povo fiel e simples o caráter de ‘espiritualidade popular’ e inclusive muito mais ainda ao dar-lhe o nome de ‘mística popular’”.¹³ Se tirarmos todas as conseqüências dos belíssimos textos do Documento de Aparecida, poderemos não só resgatar valores não integrados como dar alguns saltos qualitativos naquilo que se sonha como inculturação da Liturgia na cultura dos nossos povos. É uma inculturação que deverá ter como meta primeira o encontro celebrativo entre Piedade popular e Liturgia, para em seguida conduzir o nosso Povo pelo caminho da libertação das estruturas das injustiças sócio-econômicas e dos contra-valores culturais.

IV. Os valores da Piedade popular

20. Quais são os valores que se explicitam na Piedade popular? Ao refletir sobre a Piedade popular, nós nos referimos sempre à Piedade popular católica, tal como a encontramos em nosso continente. Ela compreende, como diz o Documento de Puebla,

¹² Documento de Aparecida, nn. 264-265

¹³ Jorge Seibold, Dios habita en la ciudad, aportes de Aparecida para una nueva pastoral urbana en América Latina y Caribe, em Revista CIAS, año LVI, n. 568-569, septiembre-octubre 2007, p. 409.



“o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam”.¹⁴ Essa descrição aplica-se a todo tipo de religiosidade popular. Por isso, ao falar dos valores da Piedade popular católica, talvez, seja válido distinguir, como faz o Diretório sobre a Piedade popular e Liturgia, da Congregação para o Culto divino e a Disciplina dos Sacramentos, 17/12/2001, entre religiosidade e piedade.¹⁵ É uma distinção que tem sua razão de ser, porque retratam dois tipos de atitude religiosa bastante distintos. De fato, a religiosidade é uma experiência universal, que expressa o respeito ou o temor religioso diante do transcendente. Não inclui necessariamente valores evangélicos, limita-se não raro a objetos, fórmulas e gestos de adoração, agradecimento e súplica, nem sempre está vinculada a uma coerência entre crença e moral. Ao contrário, a Piedade popular católica se contextualiza dentro da fé cristã, como um “verdadeiro tesouro do povo de Deus”, que “manifesta uma sede de Deus que somente os simples e os pobres podem conhecer; os torna capazes de atos de generosidade e de sacrifícios até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um sentido agudo dos atributos de Deus: paternidade, providência, presença amorosa e constante; gera atitude interior raramente observada no passado com a mesma intensidade: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desprendimento, abertura aos outros, devoção”.¹⁶ Ela manifesta uma realidade humana fundamental, porque “nos conecta com a profundidade mesma do ser humano, pois se inscreve na identidade da pessoa. Não é um dado anexo superficial. É uma devoção encarnada nas entranhas do nosso povo simples, iluminando com o sentido de Deus o horizonte de toda a existência”.¹⁷

21. Por isso, a Piedade popular é fruto da ação do Espírito Santo na vida das pessoas e das comunidades e não apenas expressão cultural de uma religiosidade natural.¹⁸ A piedade traz consigo o sentido profundo da relação entre Criador e criatura, numa

¹⁴ Documento de Puebla, n. 444

¹⁵ Cf. DPPL nn. 9 e 10

¹⁶ Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 48

¹⁷ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 86

¹⁸ Cf. DPPL n. 83

atitude de respeito, de dependência e de acolhimento. Ao mesmo tempo, provoca uma atitude de confiança tão grande em Deus, que conduz a pessoa a um diálogo de intimidade interpessoal com o divino. Deus passa a ser um interlocutor constante, seja como providência, seja como fonte de salvação. A invocação dos santos cria o contexto concreto do transcendente acessível, quase que um sentido de comunidade maior, que vai além do visível imediato, como uma autêntica expressão da comunhão dos santos. A partir dessa percepção de fé, a piedade dispõe a pessoa a gestos simbólicos bem mais significativos do que as palavras, desde o acender uma vela, caminhar em procissão, arrastar-se de joelhos, beijar uma imagem, portar uma medalha, até o realizar uma peregrinação e promover uma festa de padroeiro. São verdadeiros gestos ‘eucarísticos’, ou seja, quase sempre são realizados como ação de graças, que reconhecem a ação divina no concreto do dia-a-dia. É um “ambiente sagrado que fala apenas de amor, não porém em abstrato, mas ligado a necessidades vitais, angústias, temores, encontros e desencontros, rupturas, tanto próprias como alheias... e tudo flui dentro de um silêncio exterior e costuma terminar com alguma oração vocal e algum gesto de ternura que os fiéis expressam quando se aproximam da imagem para tocá-la e beijá-la, como que para selar uma despedida. Gestos ‘místicos’ do ‘toque’ e do ‘beijo’, que expressam a unidade do afeto e da proximidade, que unem os fiéis com a Divindade, a Virgem e os Santos”.¹⁹ Não há dúvida de que se trata de algo muito próximo a uma autêntica experiência mística.

22. A sede de Deus, que faz a pessoa piedosa buscá-lo de muitas formas e que se expressa tão bem no simbolismo da peregrinação, muitas vezes conduz à experiência de um encontro gratificante de amor com Deus. E o amor provoca a gratuidade da resposta, que vai muito além da dimensão gnosiológica da fé e do cumprimento de preceitos, porque introduz num processo de santificação. “Esta experiência de encontro e de acolhida é vivida no marco da totalidade da expressão humana que implica afetos, razão,

¹⁹ Jorge Seibold, Dios habita en la ciudad, aportes de Aparecida para una nueva pastoral urbana en América Latina y Caribe, em Revista CIAS, año LVI, n. 568-569, septiembre-octubre 2007, p. 411.



gestos, palavras e silêncio. Tudo isso gera um diálogo de amor com o Amor, abarcando a totalidade do ser”.²⁰ Além desse aspecto claramente místico, a Piedade popular continua sendo uma característica fundamental da identidade católica ou do sentido de pertença à Igreja, como comunidade maior. Quando centenas ou milhares de pessoas se reúnem num mesmo lugar, como ponto de encontro de uma peregrinação, de uma festa ou de uma celebração popular, não estamos diante de uma massa alienada. Há um ponto de convergência bem evidente e consciente, que confere uma identidade comum a todos, e os faz experimentar um vínculo fraterno e vibrar em uníssono. São momentos de memória de uma história concreta de redenção e de reafirmação de uma esperança, cuja garantia é Deus, e cujo sinal maior é a própria presença de tantos irmãos e irmãs, que coincidem na mesma fé e na mesma atitude. “A Piedade popular é geradora de profundos vínculos e de pertença, na medida em que ela própria se mantém no insondável do vínculo com o sagrado; na medida em que é ‘pietas’, isto é, atitude de reverência diante do Deus Criador e consciência de vínculo filial”.²¹

23. Os documentos e tratados sobre a Piedade popular não distinguem os aspectos negativos que existem na religiosidade humana e aqueles que podem estar também na Piedade popular. Sem dúvida, na dimensão da religiosidade humana encontramos um campo aberto para as superstições, a magia, o sincretismo, o individualismo espiritual, a falta de formação sistemática, além da desvinculação com a participação comunitária e com a coerência moral em todos os níveis. Contudo, em relação à Piedade popular, as possíveis falhas têm mais a ver com as limitações pessoais, com a marginalização oficial e com a desintegração com a Liturgia. E é principalmente o divórcio entre Liturgia e Piedade popular que possibilita criar falhas tanto nos atos litúrgicos como nos atos de piedade. Reconhecemos que a Piedade popular oferece o pólo antropológico mais favorável para a ação do Espírito de Jesus na transformação do ser humano. Por isso, se a ação sacramental, celebrada pela Liturgia, não vai

²⁰ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 29

²¹ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 31

ao encontro de uma piedade interior, já suscitada e alimentada pelo Espírito Santo, ela se torna ineficaz. Quando ambas são vivenciadas de forma paralela, como duas realidades distintas, sem buscarem uma integração concreta que as unifique numa só celebração, não estamos sendo fiéis a Jesus, para quem o que importava não era o “culto oficial” ou os costumes piedosos, mas sim, a experiência de encontro com o Pai e de fraternidade entre os seus discípulos. Por isso, a finalidade primeira da ação sacramental é potencializar ainda mais a vivência da piedade, até à experiência de união completa entre o ser humano e Deus. Só assim, a criatura chega à perfeita conformidade com a Vontade do Pai e assume pra valer o projeto de Reino de seu Filho bendito. Quando chegaremos ao ponto de ter essa realidade evangélica visibilizada claramente em nossos momentos celebrativos?

24. Finalmente, entre os valores da Piedade popular, é preciso ressaltar a sua força evangelizadora em nosso continente. Não há necessidade de muitas considerações. Basta contemplar a história e a realidade atual dos dois maiores santuários marianos: Guadalupe e Aparecida. Não é possível pensar em povo católico no Brasil, no México e em outros países, sem o fenômeno surpreendente das peregrinações, que brotaram, se mantêm e crescem, a partir da Piedade popular, que arrasta multidões de peregrinos e os confirma em sua identidade católica. Em Guadalupe, “esta ‘irrupção’ de Deus por meio da Virgem e o ministério de João Diego, darão seus frutos e prolongarão seus efeitos através dos tempos. Alcançaram não somente os indígenas, que se convertiam à nova fé, mas também os próprios espanhóis e, logo, os crioulos e mestiços, que assumiram naquelas terras o compromisso de viver em suas vidas a Boa Notícia do Reino de Deus”.²² Em Aparecida, foram três simples pescadores, que amedrontados pelas autoridades e recorrendo à proteção divina, tiraram das águas do rio a pequena imagem negra da Imaculada Conceição. Iniciam, à margem dos cultos oficiais, uma oração familiar diante daquela imagem, que vai atraindo mais famílias, e em seguida, peregrinos, e se transformou no maior movimento

²² Jorge Seibold, Dios habita en la ciudad, aportes de Aparecida para una nueva pastoral urbana en América Latina y Caribe, em Revista CIAS, año LVI, n. 568-569, septiembre-octubre 2007, p. 411.



religioso de peregrinações do Brasil. É no contexto desses santuários que continua se realizando a evangelização de forma contínua e privilegiada. Tais santuários são também um ponto de encontro admirável entre Liturgia e Piedade popular. Ainda que não integrados entre si, já convivem com certa harmonia, indicando a direção de uma integração maior, que supere o dualismo alimentado ao longo de mais de 1.500 anos.

V. A Piedade popular “evangeliza” a Liturgia

25. A partir do Documento de Aparecida, certamente podemos fazer a pergunta: será que é a Piedade popular que deve ser “evangelizada” pela Liturgia romana ou não será a nossa Liturgia romana que deve ser “evangelizada” pela Piedade popular? É possível estar satisfeito com uma renovação litúrgica, que não tem feito mais do que recuperar a riqueza do passado, como textos e ritos sagrados, traduzi-los do latim, mas que ainda está distante demais de uma verdadeira inculturação, tal como tem sido proposta em tantos documentos oficiais? E a própria dicotomia entre Liturgia romana e Piedade popular, como dois momentos e espaços distintos, não manifesta uma renovação que apenas tem dado os primeiros passos e que clama por criatividade para chegar a uma integração completa, tal como encontramos nos Evangelhos e, parcialmente, em outros ritos cristãos, que não o rito romano?

26. A Liturgia de rito romano sempre se colocou como distinta e superior à Piedade popular, enquanto depende diretamente da hierarquia, e é por ela regulamentada e vigiada. Quase como se apenas a Liturgia decorresse da revelação, não porém a Piedade popular. É no mínimo uma incoerência por parte do magistério e dos teólogos, principalmente de alguns movimentos litúrgicos, reconhecerem a integração que existia entre Liturgia e Piedade popular nos primeiros séculos do cristianismo, saberem que o dualismo entre o rito romano e a Piedade popular não surgiu por fidelidade às origens e continuarem insistindo ainda hoje na manutenção desse dualismo.²³ O próprio Documento sobre

²³ Cf. DPPL nn. 13, 66, 73, 74

Piedade popular e Liturgia dedica a II parte às “Orientações para **harmonizar** a Piedade popular e a Liturgia”, mas foge do cerne da questão que seria propor um processo de **reintegração** entre ambas, como retomada da tradição mais apostólica. Para muitos, a Piedade popular continua apenas sendo tolerada, principalmente por ser uma expressão do povo simples, que, no entanto, deve ser evangelizada até evoluir para uma participação litúrgica oficial, controlada pelo clero e participada pelo povo. A Liturgia já vem pronta, em livros oficiais ou transcrita em folhetos, deve ser executada escrupulosamente, é carregada mais de textos do que de símbolos, é o espaço privilegiado da atuação da hierarquia eclesiástica, tanto pelos paramentos como pelas orações presidenciais, e ao povo não resta senão estar presente, intervir com algumas respostas, por vezes apenas assistir ou suportar até que acabe, ou até aplaudir cheio de encantamento, se for bem realizada ou tiver algum protagonista de fama. É claro que não podemos avaliar a dimensão de participação espiritual de cada pessoa, mas a dimensão sacramental e visível é ordinariamente assim como descrevemos. Tanto é verdade, que não é difícil compreender como uma procissão com o ostensório, logo após a celebração eucarística, causa maior envolvimento popular do que a própria celebração.

27. A finalidade da revelação por e em Jesus é a santificação do ser humano. Ora, quando contemplamos a vida dos nossos santos, impressiona-nos que ela não é caracterizada tanto pelas celebrações litúrgicas, como por devoções e atos de piedade, que deles herdamos. É a sua piedade que salta à vista como testemunho de vida e até a Eucaristia aparece mais como objeto de devoção do que como celebração. De fato, a vivência de uma Piedade popular tem conduzido muita gente a uma experiência profunda de encontro com o Senhor, a uma intimidade espiritual que nos faz inveja, a uma santidade de vida, que encontramos em tanta gente simples, não só do interior, mas também das grandes cidades. “Na vida da Piedade popular vai-se adquirindo uma sabedoria simples mas tremendamente correta, que não abre espaço à especulação lógica; senão que muitas vezes é uma lógica demolidora, que é ouvida e seguida, é uma orientação para a vida, especialmente diante das contradições



da própria existência: o sofrimento, a injustiça e a morte. Quantas vezes não tivemos a experiência do sábio conselho de uma mulher sem estudos, mas que na oração diária e por anos do Santo Rosário, forjou um conhecimento muito grande sobre Deus e sobre a vida".²⁴ Por outro lado, não é tão evidente e tão generalizado o testemunho de vida santa por parte de milhares de celebrantes de atos litúrgicos sacramentais, tanto por parte de quem preside como de quem os recebe. Apesar da pastoral seguir insistindo em cursos de preparação, em diretórios pastorais, etc., a finalidade última, que é a santificação, não brota tão diretamente como deveria. A multiplicação de missas, algumas ainda motivadas mais por intenções pagas do que pela necessidade de comunidades vivas, a obrigatoriedade de receber certos sacramentos, como batismo, matrimônio, e outros ritos, não têm provocado muito claramente a experiência de encontro com o Senhor e de processo de santificação. Será que a falha não está exatamente na dissociação entre Piedade popular e Liturgia romana? Precisamos provocar uma conversão de ambas, no sentido de convergirem e se unirem, de tal forma que, se a Liturgia oferece a atualização da ação pascal e santificadora do Senhor Ressuscitado, a Piedade popular oferece o acolhimento aberto, festivo, confiante dessa intervenção divina, pela ação do Espírito Santo. A santificação acontece exatamente no encontro entre Liturgia e Piedade, num só ato celebrativo, e não dissociadas no tempo e no espaço.

28. A Piedade popular é o terreno preparado, que faz as sementes sacramentais produzirem cem por um. Não apenas aquelas sementes, codificadas como sacramentos e sacramentais pela Igreja católica, mas também aquelas, que Jesus propõe no Evangelho como sinais de encontro com Ele, como as bem-aventuranças (Mt 1,3-12), os pequenos, necessitados e pobres, que o representam (Mt 25, 31-46). A maior parte da humanidade não participa dos sacramentos da Igreja Católica, mas participa desses 'sacramentos' evangélicos, que os levam a uma experiência de encontro, senão explicitamente com Jesus, certamente com o seu Espírito, através da piedade e da

²⁴ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 41-42

caridade. E aí acontece o mistério da salvação universal, para além de todas as diferenças e até divisões que a história humana foi criando entre as pessoas que crêem. A vida de piedade do muçulmano, do judeu, do índio, do budista e do cristão os conduz a todos ao acesso à experiência divina e à santificação, através de tantos sinais sacramentais, que estão implicitamente vinculados à humanidade ressuscitada de Jesus e à amplitude de sua mensagem de amor. E certamente, aqui também se insere a multidão de católicos “não praticantes”, que mantém uma prática própria de relacionamento com Jesus, e, vez por outra, participa das celebrações da Igreja. O mistério da Redenção, oferecido gratuitamente a toda pessoa de boa vontade (Lc 2,14), penetra mesmo onde existe apenas uma mecha fumegando, porque seu Espírito sopra onde quer. (Mt 12,20; Jo 3, 8).²⁵

29. Por tudo isso, a Piedade popular é uma realidade da revelação muito mais ampla do que a Liturgia de rito romano. É nela que encontramos o sentido original do próprio termo Liturgia como “ação do povo e para o povo”. Ritos sacramentais, que atualizam a presença e ação redentora de Jesus Ressuscitado, e expressões da Piedade popular deveriam voltar a se unir numa só celebração pascal. “A piedade cristã não se opõe nem se contrapõe à celebração da liturgia, ao contrário, ela conduz à celebração litúrgica e não deveria sentir-se *como estranha dentro da celebração*, que deveria ser o centro e a plenitude desta *pietas popular*”.²⁶ Consequentemente, a Piedade popular deveria ser um fator ativo e constante na adaptação da linguagem, dos símbolos e dos ritos litúrgicos, para que a ação litúrgica expressasse não somente o zelo de ortodoxia do magistério, mas principalmente o Espírito de Jesus Ressuscitado atuante na vida de cada ser humano e na história da humanidade. Se tantas expressões da Piedade popular, que vão desde certas fórmulas tradicionais até as expressões corporais, como gestos e danças, continuarem subsistindo à margem das celebrações litúrgicas,

²⁵ Cf. Mons. Joan Carrera, De la religiosidad popular a um cristianismo popular, em *Religiosidad popular y Santuarios*, Dossiers CPL, 64, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 1995, pp. 14-18

²⁶ Cf. Rafael Serra Abellá, *Piedad Popular, Liturgia, Vida Cristiana*, em *La Piedad popular y La Liturgia*, cuadernos Phase 134, p. 34



nós vamos seguir enfraquecendo a participação litúrgica e desenvangelizando a Piedade popular.

30. Em contrapartida, a tradição litúrgica oferece à Piedade popular a grande riqueza da Palavra de Deus, principalmente dos Evangelhos.²⁷ Aos poucos, a Bíblia sagrada vai ocupando o seu lugar no mundo cultural do católico. Nela ele encontra a fonte explícita de muitas das suas devoções e tradições piedosas. Na medida em que a Palavra de Deus não é apenas proclamada ritualmente, mas é também partilhada nas pequenas comunidades, ela oferece o ponto de encontro ideal, com força para purificar e de integrar constantemente tanto as tradições litúrgicas como as expressões de piedade. O empenho de “biblificar” mais e melhor toda a nossa pastoral representará um meio excelente para caminhar em direção a uma autêntica reintegração entre Liturgia e Piedade popular.

VI. Inculturação e reintegração entre Piedade popular e Liturgia

31. A inculturação do Evangelho e, conseqüentemente, da Liturgia, foi o grande projeto delineado pelos documentos oficiais desde a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, até o documento de Puebla,²⁸ retomado com força por Santo Domingo²⁹ e repetido por Aparecida.³⁰ É certo que as boas intenções precedem as ações, mas a morosidade e os atrasamentos postos ao processo de inculturação da Evangelização e, particularmente, da Liturgia, causaram certo desencanto em todos os que acompanhavam o processo de renovação conciliar. O documento da Congregação para o Culto divino: “A Liturgia romana e a Inculturação” (Paulinas 1994), oferece um belo preâmbulo e faz considerações pertinentes na I parte. Nas partes seguintes, porém, ao invés de incentivar a inculturação, apresenta tantas normas prudenciais e tantos limites de procedimento, que na prática impossibilita uma

²⁷ Cf. DPPL n. 87

²⁸ Documento de Puebla n. 404

²⁹ Documento de Santo Domingo nn. 228-262; 298-302

³⁰ Documento de Aparecida nn. 4, 94, 99b, 479, 491

verdadeira inculturação. Os pequenos espaços que abre para adaptações e acréscimos estão longe de um autêntico processo de inculturação, que exige, por sua natureza, uma reestruturação mental e real, isto é, uma verdadeira “conversão pastoral” das nossas celebrações, capaz de gerar novos paradigmas. Parece que as últimas décadas provocaram antes uma marcha à ré do que uma caminhada em frente, levando a pastoral a um descompasso em relação às mudanças sócio-culturais do nosso continente. Afinal, se é verdade que “o Evangelho não tem cultura própria, assume todas as culturas e é Boa Notícia para todas”,³¹ por que a Liturgia, que é serva do Evangelho, deveria identificar-se apenas com uma cultura?

32. Mesmo que o secularismo já esteja bem presente em nossa sociedade latino-americana e caribenha, principalmente nos ambientes das grandes cidades, ainda subsiste na maior parte da população um lastro de religiosidade, que certamente tem resistência para durar ainda por muito tempo. É importante constatar que “o fenômeno da ‘religiosidade popular’ não é algo privativo dos meios rurais, mas pertence com igual direito ao meio urbano e que, além disso, não está reservado somente a uns poucos, mas que está destinado a ser vivido por todo o povo de Deus”.³² Se soubermos plantar a nossa Liturgia no chão dessa religiosidade, há grande possibilidade de se criar uma vivência cristã de qualidade, enraizada na Palavra de Deus, comprometida com a participação comunitária e solidária com a transformação social. Contudo, se insistirmos no modelo quase “cerebral” de renovação, como aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, correremos o mesmo risco do secularismo que os atingiu, e a Evangelização tornar-se-á um desafio muito maior.
33. É preciso reconhecer que houve uma inculturação muito maior da fé cristã na cultura dos nossos povos através da Piedade popular do que através da Liturgia, a tal ponto que ela pode ser chamada de “uma expressão privilegiada da inculturação

³¹ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 74

³² Jorge Seibold, *Dios habita en la ciudad*, aportes de Aparecida para una nueva pastoral urbana en América Latina y Caribe, em *Revista CIAS*, año LVI, n. 568-569, septiembre-octubre 2007, p. 409.



da fé”,³³ “a primeira e fundamental forma de inculturação da fé”.³⁴ Quando vemos as manifestações de Maria Santíssima em Guadalupe, em Aparecida e em tantos outros títulos dos nossos Santuários, sentimos nitidamente a presença de um Deus que se compromete com a história nascente do nosso continente, ouve o clamor do seu povo mais sofrido, e a ele se manifesta através da Virgem Maria. E vemos também a resposta de um povo, que não cessa de agradecer e de recorrer à proteção desse Deus com uma riqueza imensa de expressões de piedade, que brotam do fundo de sua alma. “Na América viveu-se um autêntico processo de síntese, que deu origem à expressão de um catolicismo mestiço; pois muitos dos costumes antigos foram incorporados à expressão de vinculação com o Deus de Jesus Cristo, aceitado de maneira crescente, e modelado permanentemente pela presença da Virgem Maria”.³⁵

34. Se a Piedade popular é plenamente mestiça, o mesmo não se pode afirmar das nossas celebrações litúrgicas, que, infelizmente, ainda estão longe de uma verdadeira inculturação. Dificilmente incidem na história ou na alma dos nossos povos. Chegam já prontas para serem executadas e a fidelidade da celebração litúrgica refere-se mais às rubricas do que à vida concreta de cada comunidade, à qual Deus quer comunicar e visibilizar sua ação salvífica. Continuam precisando de longas explicações, usam de uma linguagem distante do simbolismo próprio de cada cultura e dificilmente atingem os sentimentos do nosso povo. E em nossos dias, infelizmente, não são poucos os celebrantes, que parecem robôs pré-programados, indiferentes à presença da Assembléia. Os atos de piedade, ao contrário, produzem espontaneamente seus gestos simbólicos, seus movimentos rituais e suas expressões orais, gerados a partir da cultura própria de cada grupo humano. Por isso, se existe um lugar em que a Liturgia romana deve se inculturar em primeiro lugar é no espaço da Piedade popular. “O que a Piedade popular pede à Liturgia? Reclama, não que renuncie a si mesma, mas que seja o lugar da expressão do coração. Reivindica calor. Pede uma

³³ Documento de Santo Domingo, n. 36

³⁴ DPPL n. 91

³⁵ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 21



dimensão orante mais viva. Pede uma dimensão comunitária mais estreita, uma convivência humana dentro da assembléia; encontra-se mais à vontade com um tipo de pregação que apele ao sentimento, sem cair no sentimental”.³⁶ E só existirá inculturação quando a Liturgia for também expressão cultural dos nossos povos, penetrando-lhes na alma e envolvendo suas emoções, para então, brotar para fora com a linguagem própria de cada comunidade, o que certamente “é um modo não sem complexidade, mas absolutamente necessário para que a Liturgia penetre e permaneça no coração do povo”.³⁷

35. Portanto, para uma inculturação da Liturgia, não existe nada mais próximo da cultura da maior parte dos nossos povos do que a sua Piedade popular. Deveríamos ter como meta maior de um processo de inculturação construir uma nova realidade de celebração cristã, em que deixassem de existir esses dois pólos: Liturgia e Piedade popular. Toda ação celebrativa autenticamente cristã deveria continuar a Oração de Jesus com seus primeiros discípulos, em que convivência, diálogo, gestos, louvor, súplica, etc. constituíam um novo modo da relação entre o humano e o divino. Era uma “boa nova”, tão surpreendente que os discípulos, já habituados com regras culturais e com devoções, notaram algo inteiramente novo no jeito de Jesus e pediram que Ele os ensinasse.
36. Uma reintegração da Piedade popular na Liturgia somente seria possível se e quando houver uma descentralização substancial das normas litúrgicas. O gosto de criar e de insistir em rubricas, quase como se fossem revelação divina, engessa qualquer possibilidade de realizar essa síntese. Infelizmente, é um gosto que se identifica com a afirmação de autoridade clerical, com a tentação de centralização eclesial, e com a desconfiança doutrinal. São atitudes que fragilizam toda a teologia da Igreja particular, como Povo de Deus organizado e responsável pela sua caminhada. Não cremos que seja através de rubricas comuns que se manifesta a universalidade da Igreja. Nem a Piedade

³⁶ Cf. Rafael Serra Abellá, *Piedad Popular, Liturgia, Vida Cristiana*, em *La Piedad popular y La Liturgia*, cuadernos Phase 134, p. 37

³⁷ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 79



popular está fechada em suas expressões. “A Piedade popular na legitimidade de sua expressão é profundamente dialogante com a universalidade da Igreja, que venera e conserva o patrimônio comum na unidade”.³⁸ Se já podemos usar a expressão “catolicismo mestiço”, não custa sonhar e lutar para termos um dia uma “Liturgia mestiça”.

37. Enquanto a Liturgia atualiza principalmente a ação salvífica de Jesus Ressuscitado, a Piedade popular expressa principalmente a ação e a reação do ser humano. Ambas acontecem pela ação do mesmo Espírito Santo. A salvação ou santificação do ser humano somente se realiza quando essas duas ações se encontram. E é esse o culto que verdadeiramente dá glória a Deus, porque atualiza a ação salvífica do Senhor Ressuscitado em favor do seu rebanho. Eis o ponto de encontro tão desejado pelo Documento de Aparecida, para que nos tornemos de fato discípulos e missionários de Jesus. Então, por que a Piedade popular tem que sobreviver à margem das nossas celebrações litúrgicas? Será que ela não faz parte dessa participação ativa e consciente do ser humano, a que ele tem direito em vista do seu próprio batismo? E como fazê-lo participar dessa forma, se não lhe é permitido expressar-se conforme a sua cultura religiosa?³⁹
38. É como se estivéssemos diante de duas culturas seculares, a da Liturgia romana e a da Piedade popular, almejando chegar a uma nova síntese. Certamente, podemos aplicar também para esta situação o que disse Bento XVI no início de seu discurso inaugural à V Conferência Geral, em Aparecida: “As autênticas culturas não estão fechadas em si mesmas nem petrificadas em um determinado ponto da história, mas estão abertas, mais ainda, buscam o encontro com outras culturas, esperam alcançar a universalidade no encontro e no diálogo com outras formas de vida e com os elementos que possam levar a uma nova síntese na qual se respeite sempre a diversidade das expressões e de sua realização cultural concreta”.⁴⁰

³⁸ Mons. Marcos A. Ordenes F., *Piedad Popular*, Celam, p. 80

³⁹ Cf. *Sacrosanctum Concilium* 14

⁴⁰ Bento XVI, *Discurso Inaugural*, em Documento de Aparecida, Paulus, p. 268

-
39. Tal inculturação não prejudicaria a unidade da Igreja, que se manifesta também na Liturgia? Ninguém acredita que a unidade da Igreja católica dependa da uniformidade das suas celebrações em todo o mundo, até porque existem diferentes formas de celebrar nas várias famílias litúrgicas da comunhão católica. Nem que as diferenças entre as celebrações possam ser causa de divisões entre os fiéis. Nossa unidade litúrgica fundamenta-se em elementos essenciais, como o Mistério pascal, e é algo mais profundo e mais espiritual do que a uniformidade de fórmulas e de rubricas. Pelo contrário, longe de sofrer uma fragmentação, nossas celebrações tornar-se-iam muito mais coloridas e mais vivas. Esta integração possibilitaria também um desenvolvimento mais saudável da própria Piedade popular, uma vez que não caminharia mais de maneira autônoma.
40. De qualquer modo, a Liturgia inculturada poderá manter como referência o Rito Romano, com toda a riqueza dos seus textos, que lhe daria uma identidade comum, não porém uma uniformidade. Deixaria, portanto, de ser mera tradução de textos, e abriria um espaço muito maior para o símbolo, o gesto e o visual. A celebração deveria se transformar numa grande experiência de encontro com Deus e entre nós, e não apenas reduzir-se a uma leitura de inúmeros textos escriturísticos e eucológicos e à execução, às vezes meio automática, de algumas fórmulas e gestos.
41. De fato, um dos grandes desafios na inculturação da Liturgia é o da Linguagem. A fraseologia latina, traduzida quase que literalmente para o português, o espanhol e para outras línguas do nosso continente, não é comunicativa e, principalmente, não chega ao coração das pessoas. A Piedade popular pede menos precisão semântica e maior emoção humana. A poesia teria que ser um gênero muito mais presente nos textos eucológicos. O estilo de comunicação de cada povo e de cada comunidade deveria prevalecer na elaboração dos textos litúrgicos, buscando também no tesouro da literatura popular muitas riquezas que poderiam integrar a oração comum das nossas assembléias. E como só existe cultura onde as manifestações são sedimentadas pelo tempo e pelas gerações, a tal ponto que brotam quase que



espontaneamente do coração das pessoas, temos que superar certa mentalidade de “mercado”, que tomou conta da produção de cânticos para a Liturgia. Isso tem impedido muitas vezes a participação viva da comunidade, além de correr o risco de reduzir a celebração a um show.

42. Outro aspecto importante no processo de inculturação é o das expressões e gestos populares religiosos. A dança, a caminhada, o toque, as imagens, as velas, os símbolos da vida comum, o abraço fraterno, etc. deveriam integrar nossas celebrações como algo normal, tal como acontecia na relação de Jesus com seus discípulos. A própria estrutura atual das celebrações sacramentais deveria tornar-se mais leve e flexível, mantendo apenas os elementos essenciais, para abrir um espaço maior de integração com as expressões da Piedade popular. A “asepsia” litúrgica, que limita muitas manifestações como se fossem falta de respeito ao culto, ainda depende de uma mentalidade pagã que reduz a Liturgia à “culto oficial”, exercido por autoridades. Isso não encontra de modo algum apoio no mistério da Encarnação e no jeito de conviver de Jesus. Certamente, são heranças dos rituais dos palácios imperiais, que foram assumidos pela hierarquia, desde que Constantino abriu as portas de sua corte ao clero e o paramentou como oficiais importantes. Até onde sabemos, o único paramento proposto por Jesus ao iniciar a Última Ceia foi a toalha com que se cingiu para lavar os pés dos seus apóstolos. E pediu que fizéssemos o mesmo que Ele havia feito. Na Piedade popular nós encontraremos uma profusão de manifestações vivas, que expressam exatamente a dimensão de oferta sacrificial, de gratidão, de fraternidade familiar partilhada, de festa comunitária, etc. que nossos ritos e textos litúrgicos pretendem celebrar com uma linguagem defasada em relação às nossas culturas.
43. Há ainda mais um ponto que bloqueia a inculturação da Liturgia. É a profusão de textos em nossas celebrações, como se celebrar fosse o mesmo que ler e escutar. Tanto pelo estilo literário como pela forma de proclamação ou recitação, não raro esses textos são tão incompreensíveis ao nosso povo, como se estivessem ainda sendo lidos em latim. Além de fazer com que a celebração seja muito mais uma escuta do que um encontro.



Teríamos que pensar seriamente em diminuir a multiplicidade de textos bíblicos e eucológicos, de tal modo que os textos se tornem instrumentos para a experiência de encontro com Deus e entre os participantes, e não sufoquem a assembléia, como se fossem a finalidade da celebração. Só assim, a Liturgia será de fato a fonte e o ápice da experiência de ser Igreja, “sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.⁴¹

44. Torna-se evidente que a reintegração da Piedade popular na Liturgia depende de um processo de inculturação. E a inculturação depende do respeito às características próprias de cada povo e de cada Igreja particular, dando-lhes o espaço necessário para uma criatividade mais substancial. Para tanto, as Conferências Episcopais deveriam receber uma autoridade de decisão própria sobre adaptações e inculturações litúrgicas, muito maior do que lhes compete atualmente. Graças a Deus, há pequenos sinais de que a inculturação é possível. Basta considerar as Semanas Santas e os Santuários, que, mesmo sem uma integração real, oferecem uma experiência de coincidência interessante entre atos litúrgicos e atos de piedade, como procissões, bênçãos, gestos devocionais, dramatizações, etc. Os grandes eventos, como Congressos Eucarísticos, grandes peregrinações, Congressos de CEBs, e outros similares conseguem dar um brilho novo às celebrações, que envolvem a participação do povo de uma forma admirável. São os momentos em que Liturgia e Piedade popular estão mais próximas, pela intensidade com que ambas são realizadas. Continuam, porém, como realidades paralelas, jamais integradas, e não conseguem penetrar na rotina das nossas celebrações. Ainda não estamos caminhando no sentido de superar o dualismo sedimentado ao longo de séculos.

⁴¹ Lumen Gentium n.1



VII. Desafios para América Latina e Caribe

45. O Documento de Aparecida nos convoca a todos, leigos, religiosos, diáconos, sacerdotes e bispos, para voltarmos a ser “discípulos e missionários de Jesus Cristo”, ou seja, assumir os Evangelhos como normativos da nossa vida pessoal, comunitária e eclesial. É um grande momento de graça e de luz para a nossa Igreja, que deverá nos levar a uma “conversão pastoral” em todos os segmentos da nossa Igreja continental. É um pedido que conversão que deve atingir as próprias estruturas, e não limitar-se apenas a algumas correções. Por isso, nos oferece a esperança de iniciar passos concretos no sentido de superar o dualismo milenar entre Liturgia e Piedade popular. Se a Igreja, mesmo mantendo o dualismo da vida celebrativa dos católicos, jamais negou totalmente o espaço para a vivência da Piedade popular e, na prática pastoral, sempre a incentivou, agora chegou o momento propício de iniciar uma caminhada mais esperançosa de inculturar e integrar a Liturgia e a nossa Piedade popular. Será fundamental que o CELAM elabore propostas de ação, e obtenha o aval das autoridades centrais da Igreja para promover esse processo de integração. Alguns passos poderiam ser tentados, para iniciar a concretização de tal sonho:

- a) Será um bom passo inicial fazer um levantamento de toda a riqueza da Piedade popular da América Latina e Caribe.
- b) O compromisso de Missão continental, tendo como meta uma Igreja fundamentada na família e nas pequenas comunidades, certamente fará com que a partilha da Palavra de Deus seja o ponto de encontro renovador tanto da Liturgia como da Piedade popular.
- c) A formação litúrgica, em todas as instâncias, como currículos teológicos e encontros de renovação, deverá integrar também a formação para a Piedade popular, em vista da criatividade para uma integração entre ambas.⁴²
- d) Será importante também unificar as comissões, conselhos e grupos de estudo, para superar a dicotomia entre Liturgia

⁴² Cf. DPPL, n. 59

romana e Piedade popular, tanto na pesquisa e no estudo como nos documentos e nas ações concretas.

- e) A inculturação da Liturgia romana na Piedade popular deverá tornar-se uma prioridade pastoral, de que o próprio povo deve participar em todas as suas etapas.
- f) Nas igrejas e em nossos santuários deveríamos oferecer muito mais espaço para a prática da Piedade popular, principalmente através do ministério laical, sem saturá-lo com tantas Missas ou celebrações sacramentais, como acontece principalmente na pastoral ordinária.

Concluindo...

46. Se a Piedade popular é de fato “uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários, onde se recolhem as mais profundas vibrações da América Latina”,⁴³ então ela está longe de ser uma fase religiosa a ser superada. Pelo contrário, suas raízes são mais firmes e duráveis do que outras expressões culturais. Passam as gerações, passam as transformações sócio-culturais, modificam-se as tecnologias em alta velocidade, e a Piedade popular, gravada no coração dos nossos povos, continua viva. Mesmo quando parece estar sendo devorada pelos secularismos, continua sendo a realidade que por mais tempo subsiste no imaginário das gerações e que pode ressurgir com muita força. Povos e grupos reprimidos por gerações são prova da resistência da fé como Piedade popular. A partir dessa constatação, o verdadeiro desafio é aproveitar esse chão ainda tão fértil dos nossos povos e nele plantar ou enxertar uma Liturgia que seja aquilo que Jesus mais desejou, como oração, como missão e como celebração: “Que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).
47. Finalmente, se existe um modelo em que Piedade popular e Liturgia vivencial encontram a sua síntese é Maria Santíssima. Do seu coração brota o grande hino piedoso, litúrgico e missionário,

⁴³ Documento de Aparecida, n. 264



o belo “Magnificat” de agradecimento ao Deus, que se debruça sobre o pobre e o humilde, que cumpre suas promessas de redenção e que, pela Encarnação de seu Filho amado, irá desfazer todos os dualismos sociais, culturais e religiosos, para implantar um Reino de amor, de justiça e de fraternidade para todos os povos e culturas. Maria vivencia sua piedade na peregrinação, que a desloca dos seus projetos domésticos, para sair ao encontro de quem dela necessita, ontem como hoje, ajudando a construir o grande projeto do Reino de seu Filho querido.

Bibliografia

- VVAA: ANÁMNESIS 1, A Liturgia, momento histórico da salvação, Edições Paulinas 1987.
- VVAA: ANÁMNESIS 2, Panorama histórico geral da Liturgia, Edições Paulinas 1987.
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia, princípios e orientações, 2^a. Ed., Paulinas 2005
- Congregação para o Culto Divino, A Liturgia romana e a Incul-turação, Ed. Paulinas 2004
- Mons. Marco A. Órdenes F., Piedad Popular, col. A la luz de Aparecida 6, Celam
- La Piedad popular y la Liturgia, Cuadernos Phase 134, Barcelona 2003